

Formas de educabilidade para as jovens brasileiras: experiências entre Cuiabá e o Distrito Federal (1946-1950)

Methods of educability for young girls in Brazil: experiences in between Cuiabá and Distrito Federal (1946-1950)

Formas de educabilidad de las jóvenes brasileñas: experiencias entre Cuiabá y el Distrito Federal (1946-1950)

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto¹

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza²

Resumo: Analisam-se formas de se educar moças brasileiras à luz de duas revistas: *A Violeta* (MT, 1916-1950) e *Vida Juvenil* (DF, 1949-1959). Observa-se a criação, a organização e os pontos de convergência entre os impressos elencados e a Escola Doméstica Dona Júlia, que funcionou de 1946 a 1950, em Cuiabá (MT). Observam-se aproximações e afastamentos entre o que era discutido no Distrito Federal, à época, e em Cuiabá, entre 1940 e 1950. Os discursos localizados em *Vida Juvenil* e os propósitos de criação da Escola Doméstica Dona Júlia, amplamente divulgados em *A Violeta*, convergiam. Assim, foi possível destacar modos de educabilidade de jovens brasileiras, com ênfase nas experiências cuiabana e carioca, de forma a se forjar algumas representações do que era ser mulher no período destacado.

Palavras-chave: Educação feminina; Periódicos; Escola Doméstica Dona Júlia.

Abstract: In this paper, methods of educability are analyzed by considering two periodicals: *A Violeta* (MT, 1916-1950) and *Vida Juvenil* (DF, 1949-1959). It refers to the foundation, organization and points of convergence in between the periodicals and the Escola Doméstica Dona Júlia, an institution which worked from 1946 to 1950 in Cuiabá (MT). In this sense, this paper aims to analyze the similarities and dissimilarities within the educational discourses in Distrito Federal and Cuiabá, from 1940 to 1950. It was noted that both discourses from *Vida Juvenil* and the Escola Doméstica Dona Júlia purposes of the foundation, which were broadly announced in *A Violeta*, converged. Thus, it was possible to highlight methods of educability for young girls in Brazil, giving emphasis to both cuiabana and carioca experiences, in order to frame some representations of women.

Keywords: Female education; Periodicals; Escola Doméstica Dona Júlia.

Resumen: Se analizan las formas de educación de las niñas brasileñas a la luz de dos revistas: *A Violeta* (MT, 1916-1950) y *Vida Juvenil* (DF, 1949-1959). Se observan la creación, la organización y los puntos de convergencia entre las revistas citadas y la Escola Doméstica Dona Júlia, que funcionó de 1946 a 1950 en Cuiabá (MT). Se observan aproximaciones y alejamientos entre lo que se discutía en el Distrito Federal en la época y en Cuiabá entre 1940 y 1950. Convergieron los discursos localizados en *Vida Juvenil* y los propósitos de creación de la Escola Doméstica Dona Júlia, ampliamente divulgados en *A Violeta*. Así, fue posible destacar formas de educar a las jóvenes brasileñas, con énfasis en las experiencias de Cuiabá y Río de Janeiro, para forjar algunas representaciones de lo que era ser mujer en el período destacado.

Palabras clave: Educación femenina; Publicaciones periódicas; Escola Doméstica Dona Júlia.

¹ UERJ.

² UFRJ

Introdução

Este artigo deriva das pesquisas de doutoramento das autoras, um concluído e outro em desenvolvimento, que tem como elemento coincidente o tratamento de periódicos na condição de fontes de análise. A pesquisa finalizada se debruçou na autora Júlia Lopes de Almeida e sua presença na revista *A Violeta*, ação concreta do *Grêmio Litterario Julia Lopes* (1916), da qual a escritora foi patrona e colaboradora. A partir das análises empreendidas em *A Violeta*, foi possível localizar a criação da Escola Doméstica Dona Júlia (1946-1950), que, igualmente, faz referência à Júlia Lopes de Almeida e foi ação concreta do *Grêmio Litterario Júlia Lopes*. O espaço, localizado na Rua Pedro Celestino, Centro Norte da cidade, atendia aquelas que tinham na educação doméstica uma via possível de formação “doméstico-profissional”, a exemplo de outras instituições que ofereciam este tipo de educação (para o trabalho) no estado, como a Escola Técnica do Comércio de Cuiabá.

A pesquisa em desenvolvimento focaliza na revista *Vida Juvenil*. Trata-se de publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, que circulou de janeiro de 1949 a julho de 1959 em território nacional. A editora se localizava na cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal à época, mas mirava em um alcance nacional. Conforme é possível pressupor a partir do título, *Vida Juvenil* tinha como público visado jovens brasileiros. As análises têm demonstrado que não se tratava, contudo, de "todos os jovens do Brasil" - segundo subtítulo da revista -, mas sim jovens de ambos os sexos, a partir dos 14 anos, que fizessem parte do espaço formal de educação, isto é, que estivessem em processo de escolarização. Ainda que o recorte de gênero não fosse explícito em *Vida Juvenil*, é possível notar algumas questões nesse sentido, ainda que seja, em sua maioria, o apagamento do público feminino em valorização do sexo masculino.

Desta forma, este estudo busca localizar e apontar elementos relativos a formas de se dirigir e educar moças e jovens mulheres a partir de dois modos: 1) o que era apresentado e enunciado na revista *Vida Juvenil*; e 2) o que era oferecido na Escola Doméstica Dona Júlia, a partir das páginas da revista *A Violeta*. Espera-se, assim, poder captar aspectos da educação feminina apregoada entre as décadas de 1940 e 1950, no Brasil, com ênfase na cidade de Cuiabá e no Distrito Federal: o que era enunciado para o público feminino em *Vida Juvenil*? E em *A Violeta*? De que modo tais discursos convergem e divergem? Quais eram as propostas da Escola Doméstica Dona Júlia? Que tipo de formação era veiculado na referida escola? Estas são as principais perguntas que norteiam este trabalho. Destarte, a partir de Bakhtin (2014) e seus conceitos de enunciado e discurso, espera-se analisar tais elementos nos periódicos e nos

documentos relativos à Escola Doméstica Dona Júlia. Ademais, Martins (2001) e Buitoni (2009), no que cerne a imprensa, ajudam a trabalhar com as fontes elencadas, isto é, impressos periódicos, e, ainda, Silva (2021) e Pinto (2021) colaboram com este estudo no que tange aos diálogos sobre a educação doméstica.

No que diz respeito à metodologia, importa destacar que *Vida Juvenil* encontra-se disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN); *A Violeta*, por sua vez, pode ser acessada em 3 acervos – a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), o Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) e o Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf (AYN). Por fim, dados relativos à Escola Doméstica Dona Júlia podem ser localizados em *A Violeta*.

Espera-se, enfim, poder destacar aspectos concernentes à educação idealizada para moças e jovens mulheres, no Brasil, nos anos selecionados. Intenta-se colaborar com discussões relativas à História da Educação, do impresso e, em parte, das mulheres.

***A Violeta*: entre o literário e o educativo**

Fundada em dezembro de 1916, a revista *A Violeta* é o *orgam* do *Gremio Litterario Julia Lopes*, fundado, financiado e mantido por mulheres da elite cuiabana e por normalistas. Desde as suas primeiras edições, é possível identificar os propósitos de criação da revista, que compreendem a divulgação das letras patricias com vistas ao desenvolvimento intelectual da mulher cuiabana, além da promoção de festas e eventos literários.

Ao longo dos 34 anos em que circulou, *A Violeta* empreendeu uma série de representações femininas, muitas das quais fundaram-se na figura de Júlia Lopes de Almeida, a exemplo de seu papel de escritora, esposa e mãe. Sem desconsiderar a escrita de suas conterrâneas, contudo, *A Violeta* firmou-se no cenário intelectual mato-grossense como uma das vias de educação não-formal para moças e mulheres, muito por conta das ações da agremiação que a mantinha.

No início do século passado, a agremiação assumiu, ao lado do Centro Mattogrossense de Letras³ e do Instituto Histórico Geográfico Mato-grossense, um caráter cultural, sendo reconhecida como um dos pilares da educação e cultura do estado. Tal importância dada ao grêmio e, por consequência, à revista, preparou um terreno fértil para que *A Violeta* pudesse ser

³ Fundado em 1921, entidade que mais tarde tornou-se a Academia Mato-grossense de Letras.

tomada como um dispositivo não-formal de educação para as mulheres, como outras iniciativas observadas especialmente na capital federal, à época, e São Paulo (BUITONI, 2009).

A relevância da revista, seu caráter literário e educativo deve-se, para além do agenciamento de suas redatoras, pela imagem projetada da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), uma das figuras mais proeminentes no cenário literário nacional das primeiras décadas dos 1900. A autora consagrou-se na literatura como um dos escritores⁴ mais lidos de seu tempo, com pouco mais de 30 volumes publicados em 4 décadas de atuação ininterrupta na literatura.

Júlia Lopes de Almeida colaborou amplamente com a imprensa nacional, em destaque com a carioca e a paulista, além de ter colaborado com alguns volumes internacionais, o que lhe garantiu notório reconhecimento no campo das Letras, uma vez que a legitimidade do ofício de escritor se atrelava, em grande medida, à sua atuação na imprensa periódica (MARTINS, 2001). Já na época da fundação de *A Violeta*, Júlia Lopes de Almeida gozava de popularidade e prestígio por seus pares, tendo recebido uma homenagem⁵ pelos seus feitos ainda em 1914, na França. Dito isto, tanto a escolha de Júlia Lopes de Almeida quanto a presença da escritora nas páginas da revista, mesmo depois de sua morte, funcionou como uma estratégia de legitimação da agremiação e do periódico.

Foram diversas as homenagens, citações, publicações, imagens, textos críticos da vida e obra da escritora publicados em *A Violeta*. Neste sentido, importa pensar como esses discursos faziam parte de um projeto maior de educação das mulheres cuiabanas, que teve sua ação concreta por meio da criação da Escola Doméstica Dona Júlia, na década de 1940.

***Vida Juvenil*: o periódico para a juventude brasileira**

Vida Juvenil foi uma revista publicada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, de 1949 a 1959, de circulação nacional. O periódico fazia parte de uma rede de publicações da editora, a saber: 1) *Vida Doméstica*, revista que dá nome à editora e de maior longevidade (1920-1962);

⁴ Aponta a historiografia que em termos de livros publicados, Júlia Lopes de Almeida estava atrás apenas de Coelho Neto, que publicou 49 volumes em 38 anos de atuação nas Letras.

⁵ Um dos mais significativos momentos na carreira da escritora foi o banquete oferecido a ela em Paris, em 1914. Ali, estavam reunidas algumas das personalidades da academia e da literatura francesas. Divulgado tanto no Brasil quanto em Paris, o evento marcou o percurso intelectual da escritora e contou com a presença de diversos poetas e prosadores, entre eles Humberto de Campos, Maria Eugenia Celso, Olavo Bilac e João Luso, além de alguns intelectuais franceses, a exemplo de Daniel Lesueur, - poeta e romancista francesa.

2) *Vida Infantil* (1947-1960); e 3) *Coletânea do Magazine Digest*⁶ (1951-1960). Como é possível pressupor a partir de alguns dos títulos, *Vida Doméstica* tinha como público visado moças e mulheres, vistas como futuras ou atuais esposas e donas do lar (SANTOS, 2011). Já *Vida Infantil* era direcionada a crianças em contexto de escolarização, de idade aproximada entre sete e doze anos.

A noção empregada em *Vida Infantil* era a de que o periódico não deveria ser apenas para entreter e divertir seus leitores; ele deveria, também, servir de material de educação e instrução, no formato de uma escola em revista (SOUZA, 2019). Não foi possível localizar estudos acerca da revista *Coletânea*, porém, após pesquisa preliminar, observou-se que se tratava de um compilado de artigos publicados em uma revista americana intitulada “Magazine Digest” e parecia ser direcionada ao público adulto, entre homens e mulheres, uma vez que contava com artigos sobre medicina, guerra, filhos, além de propagandas de carro, óleo para motor de carro e programas de rádio.

Assim, importa observar a rede associada à Sociedade Gráfica Vida Doméstica e o espaço de *Vida Juvenil* nessa rede. A editora parecia almejar entrar nos lares brasileiros da classe média de diferentes formas, fosse a partir de publicações voltadas à mãe, ao pai, à criança ou ao jovem/ às moças. Para além do âmbito doméstico, é possível afirmar que o ambiente escolar também era visado pelos editores, uma vez que foi feita uma solicitação à prefeitura do Distrito Federal pedindo que a revista tivesse livre circulação nas escolas de ensino primário da antiga capital federal (SOUZA, 2019, p. 23). Contudo, não foi possível confirmar ou refutar tal solicitação. De todo modo, a editora vislumbrava a ampliação de sua circulação e consumo, com especial ênfase no ambiente escolar.

Vida Juvenil foi a revista de menor duração no rol de produções da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, tendo circulado por apenas dez anos, mas tem se mostrado fonte fecunda para se observar a juventude visada por seus editores. *Vida Juvenil* possuía, em média, 80 páginas, através das quais podia se observar um hibridismo em relação ao conteúdo (SOUZA, 2019). O periódico contava com seções de cunho educativo, instrutivo e divertido. Nos limites deste estudo, contudo, se focalizará as seções de caráter instrutivo a fim de fazer um cotejamento entre as fontes elencadas.

⁶ De acordo com o expediente da revista, trata-se da Magazine Digest Corp., localizada em Nova Iorque, Estados Unidos.

Aproximações entre *A Violeta* e *Vida Juvenil*: formas de educabilidade da mocidade feminina brasileira

Desde meados da década de 1930, com ênfase na década de 40, foi possível observar um empenho político, social e cultural para a educação. O projeto, que teve suas origens ainda no afã escolanovista, propunha a alfabetização e instrução das crianças e jovens a curto prazo, o que significava uma atuação mais ampla da sociedade, fosse por meio de campanhas assistencialistas ou através da imprensa. Neste sentido, Magaldi e Xavier (2008) sinalizam que, para além da sala de aula e do material didático, os periódicos podem constituir dispositivos de investigação de objetos educacionais. Assim, a tomada de *A Violeta* e *Vida Juvenil* se dá a partir do conceito de educação não-formal observada em suas páginas.

Ao se analisar os enunciados e discursos (BAKHTIN, 2014) em *A Violeta*, observou-se que o viés educativo se fez presente desde as primeiras edições, ainda em 1916, até os últimos números, em março de 1950. Apesar de ser um órgão de uma agremiação literária, como o próprio nome evidencia, as intencionalidades da revista ultrapassavam as letras, uma vez que reivindicaram condições outras que não o incentivo à escrita feminina patriciana. Dentre elas, a promoção da elevação intelectual da mulher, a ampla defesa da educação feminina como aspecto imperativo para a construção da nação, e a perspectiva da educação como meio de resguardar a família.

É a própria Júlia Lopes de Almeida quem indica, ainda em 1920, a necessidade da construção de uma Escola Doméstica em Cuiabá, por meio de uma de suas cartas enviadas às redatoras (PINTO, 2021). A partir daí, são diversas as menções a uma educação para o lar, muitas delas escritas em forma de manifesto ou pedido de ação às autoridades. Os textos veiculados abordam a criação de uma escola doméstica, apresentando as vantagens desse tipo de ensino no lar e fora dele; reivindicando investimentos do estado para a construção da escola; associando a educação doméstica e a cultura intelectual da mulher como aspectos complementares, a exemplo do excerto da edição 140, em 26 de setembro de 1926:

Figura 1: Trecho do texto “Ser Mulher”, da edição 140 de 24 set. 1926, p. 7

Precisamos dar á mulher uma educação intellectual e moral mais solida, mais pratica, mais real a par da indispensavel educação domestica. Preparal-a para o lar e para a luta pela vida.

Já é tempo de pensar nas nossas moças, as futuras mães de amanhã. Ellas não devem continuar a representar, somente, esse humilhante papel de boneca da moda, servindo de ridiculo modelo para os caricaturistas das revistas semanales.

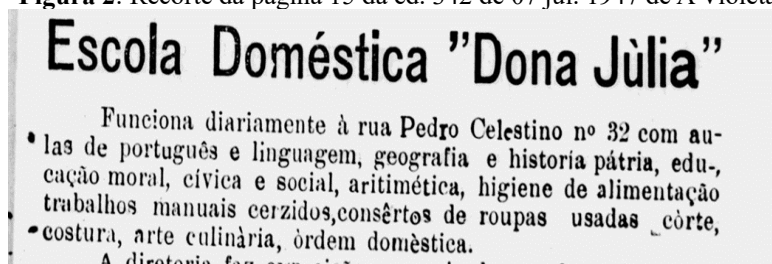
Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

Conforme aponta o estudo de Silva (2021), as propostas governamentais de educação para as mulheres na década de 1940, que visavam prepará-las para o trabalho na indústria dentro ou fora do lar, contribuíram para a difusão da concepção de educação doméstica. Não por acaso, a disciplina “Economia Doméstica” fora inserida no currículo da Escola Normal.

Criada em 1946, após esforços das gremistas e contando com apoio de outras entidades, como a Legião Brasileira de Assistência e o governo do estado, além do auxílio de Filinto de Almeida, esposo de Júlia Lopes de Almeida, a Escola Doméstica Dona Júlia é inaugurada, conforme divulga a edição 335-336, na qual anunciam-se suas propostas de educação:

A nossa escola, tal como a idealizamos, e como pretendemos que seja, não será apenas de aulas práticas de culinária e serviços domésticos, mas como preparadora de serviços para que mais tarde operárias assalariadas. [...] será um estabelecimento onde a mulher irá cultivar o espírito nos moldes de um curso secundário e onde receberá aulas práticas de puericultura, enfermagem, culinária, cuidados com o vestuário, confecção e conservação do mesmo que, sendo necessário à sua educação, a habilite para seu grato mister que, quer queiram quer não, é o de ser dona de casa. (A VIOLETA, edição 335-336, 1946, p. 9)

A partir de sua fundação, as edições de *A Violeta* que seguem divulgam, relatam e promovem a Escola Doméstica de forma contínua, evidenciando seu programa, que fora baseado na Escola Doméstica de Natal, conforme sugerido por Júlia Lopes de Almeida ainda na década de 1920:

Figura 2: Recorte da página 15 da ed. 342 de 07 jul. 1947 de *A Violeta*

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

Na mesma edição, as redatoras fazem referência à Escola Supletiva Dona Júlia Lopes de Almeida, um “anexo à Escola Doméstica “D.Júlia” noturna para o sexo masculino”, um projeto de educação para adultos. Nesse sentido, importa dizer que as pretensões das gremistas para os homens estavam além da educação doméstica, sendo essa pensada e direcionada apenas às moças.

Para além do agenciamento da revista como um veículo de elevação moral e intelectual da mulher cuiabana e da criação de uma Escola Doméstica, emblemática de suas intencionalidades, eram as sócias da agremiação quem lecionavam a instituição, sendo Maria Dimpina, uma das fundadoras do Grêmio e diretora da revista à época da fundação da escola, ocupante de 3 cadeiras: Português, História e Educação Cívica (PINTO, 2021).

Apesar das iniciativas e esforços para a manutenção da Escola Doméstica Dona Júlia, a instituição funcionou apenas por 3 anos, por conta da falta da devida autorização do Ministério da Educação para seu funcionamento, conforme sublinha Silva (2021). Não obstante, as edições 331, de dezembro de 1949 e 333, de março de 1950, noticiam a conclusão do curso por 13 meninas e sua cerimônia de formatura, com discurso do Professor Filogônio Corrêa, paraninfo da turma. O discurso, que ocupa 10 páginas da revista, destaca a “verdadeira vocação” da mulher:

Só a escola, a casa da educadora, será, para a mulher, professora, um novo lar, onde ela possa dedicar aos alunos o mesmo afeto de mãe só reservado aos próprios filhos. Mas, para que ela possa ser uma educadora digna deste nome tão nobre, e nem sempre merecido por aquelas que o portam, mister se torna haja nelas a verdadeira vocação (A VIOLETA, 1950, edição 333, p. 3).

Vida Juvenil não apresenta um recorte de gênero explícito como bem marca *A Violeta*. De fato, costumam se referir aos leitores como “jovens”, embora, na maioria das vezes, o vocativo seja “menino(s)”, o que pode ser justificado pela formação plural da Língua Portuguesa. Assim, compreende-se que as seções eram voltadas a rapazes e moças, como se pode observar na figura 3:

Figura 3: Apresentação da seção "Divertimentos e Diabruras"

VIDA JUVENIL Janeiro-1949 .— Pág. 15

DIVERTIMENTOS E DIABRURAS

MÁGICAS -- RECREAÇÕES CIENTÍFICAS
PASSATEMPOS -- JOGOS -- CURIOSIDADES

PELO PROF. KIEHL



Sendo VIDA JUVENIL uma revista destinada aos jovens, criamos esta seção de mágicas e recreações que ensinará muitas brincadeiras interessantes. Ao apresentarmos, neste primeiro número de aparecimento desta nova revista, a nova seção, desejamos orientar nossos queridos leitores esclarecendo o seguinte:

- Os divertimentos a serem apresentados nestas páginas, são baseados em inofensivos e simples princípios de física, mecânica, em cálculos, problemas e muitos outros artifícios curiosos;
- Os divertimentos ensinados por esta seção interessam tanto aos meninos como às meninas, pois podem ser executados com sucesso por ambos;
- Ao apresentar uma mágica ou outro truque, nossos jovens leitores terão duas tarefas distintas: conduzir o raciocínio dos espectadores segundo a marcha da apresentação da mágica, e auxiliar êsse objetivo com alguns passes, gestos e falsas explicações;
- Todos os mágicos confessam que saem-se bem, não porque suas mãos sejam mais rápidas que a vista dos espectadores e sim porque êstes são conduzidos pelos falsos raciocínios apresentados;
- «Divertimentos e Diabruras» proporcionará horas alegres, educando, instruindo e desenvolvendo a capacidade de raciocínio dos jovens leitores;
- Tôdas as nossas mágicas estarão ao alcance de qualquer jovem, sendo os materiais e apetrechos necessários para complementá-las encontrados comumente em suas casas ou então, poderão ser construídos facilmente com o auxílio das explicações profusamente ilustradas que fornecemos;
- Procure treinar um pouco antes de apresentar aos amiguinhos os divertimentos que ensinamos;
- Colecionando estas páginas, construindo os aparelhos e guardando-os em um lugar para isso reservado, muito breve nossos leitores terão assunto para divertir não só seus amiguinhos mas muita gente grande.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

O excerto destacado em vermelho pode ser compreendido de duas formas: 1) de fato, a seção, e talvez a revista, como um todo, buscava atingir a todos sexos; ou 2) havia seções que talvez fossem direcionadas a um sexo específico, pois, de repente, não fossem ser "executadas com sucesso" por todos e todas. De todo modo, é interessante observar a indicação de uma seção que lançasse mão de "princípios de física, mecânica, em cálculos, problemas (...)" que incluísse as meninas, mesmo em um contexto em que documentos oficiais de Educação, como a Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, apresentasse, no Título III, orientações relativas ao "Ensino Secundário Feminino", com ênfase em programas que formassem meninas tendo "em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar" (BRASIL, 1942).

Nesse sentido, importa observar o número 6, de junho de 1949, da seção "Divertimentos e Diabruras", que, ao apresentar formas de se fazer dobraduras, faz distinção entre meninos e meninas. Observe:

Figura 4: Ilustração de "bordado persa", janeiro de 1949



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

Em uma página, explica-se como fazer o "bordado persa" que, aparentemente, deveria ser feito por meninos: conforme se nota na imagem 4, só há representações imagéticas de meninos. Além disso, na imagem 5, vemos a orientação de outro trabalho manual que caberia às meninas fazer:

Figura 5: Explicação de como fazer toalhinhas bordadas, "trabalho para meninas", junho de 1949

TRABALHO PARA AS MENINAS — Toalhinhas bordadas — Vocês poderão ainda tirar outro partido desta mágica. Quando em casa houver uma festa, poderão confeccionar lindas toalhinhas para enfeite de mesa. Dobre o papel como ensinamos e recorte com uma tesourinha desenhos de sua imaginação ou motivos copiados de um crochê, de um broche ou de outro desenho, fazendo os piques o mais miúdo e delicadamente possível. Resultará uma encantadora toalhinha.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

De todo modo, ainda que o bordado persa pudesse também ser realizado por meninas, as toalhinhas bordadas, por sua vez, pareciam ser "trabalho para as meninas", principalmente por ser algo a ser usado no ambiente doméstico, considerado, por vezes, o lugar de meninas, moças e mulheres. Assim, corroboramos com Louro (2008) ao defender que as disciplinas concernentes às meninas eram, dentre outras, o bordado, a costura e o aprendizado dos afazeres domésticos (SOUZA, 2015).

Considerações finais

Considerando os periódicos como uma fonte potente para o tratamento da temática educacional, este estudo buscou tencionar as finalidades de uma educação para as jovens brasileiras na primeira metade do século XX, privilegiando os anos de 1940, a partir do estudo de dois periódicos: *A Violeta* (MT, 1916-1950) e *Vida Juvenil* (DF, 1949-1959). Muito embora os dois impressos selecionados estejam localizados em espaço-tempo diferentes, o limiar entre os dois muito nos informa a respeito do que se era pensado e idealizado como educação para moças.

A década de 1940 viu emergir uma certa necessidade de profissionalização, seja por conta do processo de industrialização que ganhava forças, seja pela própria dimensão educacional que ampliou suas finalidades, passando a considerar outras habilidades que não somente a leitura e escrita, como fora proposto anteriormente. Foi a partir das iniciativas do então Ministro da Educação Gustavo Capanema, no começo da década de 1940, que a noção de uma educação profissional tomou corpo e que o ensino secundário passou a compreender também a instrução de moças para os ofícios, ainda que estes estivessem intimamente conectados com o lar.

O estudo objetivou localizar e apontar elementos relativos a formas de se dirigir e educar moças e jovens mulheres sob dois vieses, a saber: o que era veiculado na revista *Vida Juvenil*; e as propostas de educação feminina da Escola Doméstica Dona Júlia, à luz da revista *A Violeta*.

Desta maneira, foi possível captar aspectos voltadas à educação de moças apregoada entre as décadas de 1940 e 1950, no Brasil, focalizando na cidade de Cuiabá e no Distrito Federal.

Em *A Violeta*, observou-se o surgimento de uma Escola Doméstica que pretendia formar moças para a atuação no lar e para a manutenção da família; já em *Vida Juvenil*, considerando seu caráter híbrido e uma proposta mais ligeira e fluida em sua formatação, foi possível verificar as investidas, ainda que de forma mais discreta, à uma educação feminina fundada no lar, por meio da divulgação de trabalhos manuais direcionados às meninas.

Desta forma, ao observar a criação, a organização e os pontos de convergência entre os impressos elencados, viabilizou-se a verificação de aproximações e afastamentos entre o que era discutido no Distrito Federal e em Cuiabá, no final da década de 1940 e início de 1950.

Referências

- A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. **Ser Mulher**. Cuiabá, 24 de setembro de 1926, edição 140.
- A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. **A escola doméstica**. Cuiabá, ed. 335-336, set./out. de 1946.
- A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. **Escola Doméstica Dona Júlia**. Cuiabá, 07 de julho de 1947, edição 342.
- A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. **Crônica**. Cuiabá, 31 de março de 1950, edição 333.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 4244, de 9 de abril de 1942**: Lei Orgânica do Ensino Secundário. 1942.
- BUITONI, Duicília Helena Schoroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres do Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443-481.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890- 1922). São Paulo: EDUSP, 2001.
- PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. A liberdade feminina assistida: a educação para mulheres na escola doméstica “Dona Júlia” (1946- 1950). In: BRESSANIN, C. E. F.; BALDINO, J. M.; ALMEIDA, M. Z. C. M. (org.). **Educação, história, memória e cultura em debate, vol. IV**: educação e cultura em diferentes espaços sociais. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 249-275. [e-book].

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950**. 2011. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Gabriella Moura da. “**Grato mister que, quer queira quer não, é o de ser dona de casa: educação das mulheres na Escola Doméstica Dona Júlia – Cuiabá-MT (1946-1949)**”. 2021, 308f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos. **O feminino, a formação identitária em As Três Marias, de Rachel de Queiroz (1939)**. 2015, 71f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos. **Divertir, educar e instruir: Vida Infantil (1947-1950)**. 2019, 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VIDA JUVENIL. **Divertimentos e diabruras**. Distrito Federal, janeiro de 1949.

VIDA JUVENIL. **Bordado Persa**. Distrito Federal, junho de 1949, p. 21.

Sobre as autoras

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto: Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ e Professora Adjunta de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com atuação no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ); membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL) e Coordenadora do Projeto de extensão “Páginas de Mulheres na Imprensa” (CAp-UERJ/CAp-UFRJ/SME-RJ/Colégio Pedro II)

E-mail: gabimondego09@gmail.com

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza: Professora do setor Multidisciplinar do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL) e bolsista de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

E-mail: marianaepss@gmail.com

Recebido em: 31 ago. 2023

Aprovado em: 03 abr. 2024